

A influência da variável familiar na ampliação da imprensa interiorana no Rio Grande do Sul: o caso Prunes¹

Beatriz DORNELLES²

RESUMO

Este estudo tem caráter inédito dentre os documentos acadêmicos existentes. Objetivando colaborar para história da imprensa, estudamos a atuação da família “Prunes” na expansão dos veículos de comunicação do Rio Grande do Sul, da arte gráfica e da gestão de empresa familiar, a partir de aprendizado adquirido no jornal “Gazeta de Alegrete”, o mais antigo em circulação no Rio Grande do Sul, com 134 anos de existência. O estudo foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas em profundidade com personagens que conviveram com os Prunes. Como resultado, identificamos a criação de 16 jornais e 2 gráficas, em 9 *municípios* do Rio Grande do Sul, decorrente da ação de 7 irmãos. Juntos, garantiram a existência da Gazeta por 54 anos. Os Prunes extraíram uma força especial da história, da identidade, da cultura local e da ideologia comum à família. Verificamos que o jornal alegretense, controlado e administrado pela família por mais de cinco décadas, possuiu uma forma organizacional peculiar, com caráter especial, por onde passaram quase 20 descendentes do patriarca, José Celestino Prunes.

Palavras-chave: História da Imprensa; Jornais do Interior; Empresa familiar; Jornalismo; Tipografia.

A história da imprensa interiorana no Brasil ainda hoje é insipiente nos estudos acadêmicos realizados pela área de Comunicação. Muito ainda precisamos contar sobre sua contribuição para o desenvolvimento dos municípios, através do jornalismo. Por outro lado, um estudo aprofundado da atuação dos jornalistas que atuaram no interior dos Estados da federação, nos últimos dois séculos, pode revelar comportamentos totalmente adversos, antidemocráticos e antidesenvolvimentistas. O desafio do historiador da área é saber analisar em cada caso como essas tendências se misturam e interagem para caracterizar as expressões jornalísticas em estudo.

No Rio Grande do Sul, poucas obras se dedicaram à administração das empresas jornalísticas do interior do Estado, ao processo de produção da notícia, das políticas

¹ Trabalho submetido ao GP História do Jornalismo, XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo/SP.

² Professora titular do PPGCom em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutora em Comunicação pela USP, com Pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Fernando Pessoa (Portugal).

editoriais, da estrutura das redações, dentre outros aspectos. Nacionalmente, também é um enfoque pouco abordado nos estudos acadêmicos, conforme registro de artigos apresentados nos congressos da Alcar (2016), Intercom (2016) e SBPJOR (2016) e na historiografia existente.

No final do século XIX e primeira metade do século XX, o profissionalismo ocorria sem burocracia e sofisticação, preponderando a empresa familiar, na maioria das vezes, tendo à frente o “empreendedor” da família. Segundo Gonçalves (2000), até a década de 50, do século XX, a empresa familiar brasileira teve presença quase absoluta em praticamente todos os segmentos da economia nacional, “desde a atividade agrícola até o sistema financeiro, passando pela indústria têxtil, de alimentação, de serviços e de meios de comunicação” (GONÇALVES, 2000, p. 7).

Na bibliografia brasileira acadêmica da Administração, é possível encontrar diversos conceitos para empresa familiar, não havendo consenso entre seus pesquisadores. Para Gaj (1990), por exemplo, empresa familiar caracteriza-se como aquela com capital aberto ou fechado, que foi iniciada por um membro da família, que a passou ou tem a intenção de passar a um herdeiro direto ou parente por casamento; também, poderá haver membros da família participando da gestão da empresa e dela se beneficiando.

Para Lodi (1986), a empresa familiar é aquela onde a sucessão da diretoria está ligada ao fator hereditário e, onde os valores institucionais da firma identificam-se com um sobrenome de família ou com a figura de um fundador. Esse conceito nasce para o autor, geralmente, com a segunda geração de dirigentes.

A partir da leitura de vários autores, dentre eles, Scheffer (1993), Antonialli (s/d), GAJ (1990), Colbari (1996), Rocha e Zauith (2011), Bernhoeft (1989), constatamos a inexistência de consenso na conceituação de empresa familiar. Bernhoeft (1989) conceitua empresa familiar como aquela perfeitamente identificada com uma família há, pelo menos, duas gerações, havendo congruência entre os interesses e objetivos da empresa e da família.

Dentre diversas características citadas pelos pesquisadores, constatamos que o jornal “Gazeta de Alegrete”, fundado em 30 de outubro de 1882, sendo o mais antigo em circulação no Rio Grande do Sul, enquadra-se perfeitamente nas definições disponíveis em artigos científicos, a partir do segundo proprietário – José Celestino Prunes. A “Gazeta de Alegrete” foi fundada por Luiz de Freitas Valle, o Barão do Ibirocy. Seu único propósito, na ocasião, era combater o regime escravocrata, por meio de propaganda abolicionista. Em 1888, com a abolição da escravatura, Freitas Valle muda-se para o Rio de Janeiro e deixa

seu jornal aos cuidados de Armando Brunet, que no mesmo ano convida José Celestino Prunes e seus dois filhos mais velhos para nela atuarem. Essa família é o foco principal deste estudo³.

Não temos dúvidas de que a “Gazeta de Alegrete” resistiu por 54 anos por se tratar de uma empresa familiar com muitas peculiaridades e diferenciais em suas gestões. Muito pelo perfil de cada um dos Prunes e, em especial, de Fredolino, o mais velho dos irmãos. Verificamos que o jornal alegretense, controlado e administrado pela família por mais de cinco décadas, possuiu uma forma organizacional peculiar, com caráter especial, por onde passaram quase 20 descendentes de Celestino. Os Prunes extraíram uma força especial da história, da identidade, da cultura local e da ideologia comum à família. Segundo Ricca (2007, p. 12), “quando os dirigentes são parentes, suas tradições, seus valores e suas prioridades brotam de uma fonte comum. [...] Cônjuges e irmãos têm maior probabilidade de entender as preferências explícitas e as forças e fraquezas ocultas uns dos outros”. E, pela história, podemos inferir que isso aconteceu na administração da “Gazeta”.

Objetivando colaborar para história da imprensa, este estudo, de caráter inédito dentre os estudos acadêmicos, registra a atuação de uma família - os Prunes – na expansão dos veículos de comunicação do Rio Grande do Sul, da arte gráfica e da gestão de empresa familiar, a partir de aprendizado adquirido no jornal “Gazeta de Alegrete”, o veículo jornalístico que estimulou os Prunes a dedicarem suas vidas ao desenvolvimento da imprensa gaúcha. Os principais responsáveis pelos ensinamentos foram José Celestino (o patriarca), José Fredolino (o filho mais velho) e Lourenço (o segundo, dentre sete filhos).

A segunda geração, formada por 7 irmãos, foi responsável pela criação de 16 jornais e 2 gráficas, em 9 *municípios* do Rio Grande do Sul, unindo-se a estes um jornal criado pela esposa de um dos irmãos, o que dá um total de 19 produtos de comunicação. Com documentação, sabe-se ao certo que para fundação dos jornais foram criadas “nove” empresas de comunicação ou de caráter individual ou em sociedade com outros intelectuais. Um dos jornais, criados em Quaraí, transformou-se em uma espécie de cooperativa, já que Fredolino Prunes doou para os operários da Liga Operária de Quaraí (detalhes ao longo do texto).

Além da criação de jornais e gráficas, juntos, os Prunes atuaram como jornalistas em 35 jornais do Rio Grande do Sul, com sede em 11 municípios. Em termos de número de diferentes veículos, o mais ativo foi Teotônio, que esteve em 14 impressos ao longo de sua

³ Por questão de limite de espaço, em um próximo artigo, detalharemos a fundação do jornal “Gazeta de Alegrete” e sua trajetória ao longo de 134 anos.

carreira, como operário, funcionário, diretor, administrador, proprietário, gerente e redator. As informações aqui contidas são todas inéditas nos estudos acadêmicos e constituem importante contribuição histórica para compreensão do jornalismo gaúcho no final do século XIX e quatro décadas do século XX.

Procedimentos metodológicos

Desde tenra idade, os Prunes iniciaram-se como artistas gráficos, redatores, gerentes e administradores na “Gazeta de Alegrete”, hoje com 134 anos de existência. O estudo foi realizado a partir de pesquisa documental e entrevistas em profundidade com personagens, ainda vivos, que conviveram com os Prunes. Neste artigo buscamos reunir os dados sobre os jornais fundados pelos Prunes e por outros, por onde passaram, levando o conhecimento que receberam na cidade de Alegrete. Também buscamos na bibliografia da Administração, elementos que caracterizam a empresa familiar⁴, visando compreender os motivos pelos quais a Gazeta de Alegrete conseguiu sobreviver, mesmo tendo passado por inúmeras crises sociais, políticas e econômicas no período em que foi administrada pelos Prunes.

O historiador e jornalista João Batista Marçal⁵ concedeu para este estudo, oito entrevistas de duas horas cada (em média), no período de março a maio de 2016, em Porto Alegre e Viamão (cidade onde reside). Também encontramos importante contribuição em obras raras, como o livro do historiador, operário e jornalista Luiz Araújo Filho, um dos cinco primeiros redatores da “Gazeta de Alegrete”, que em 1908 publicou o livro “O município de Alegrete”, após uma década de pesquisa. Nele, o historiador faz um importante relato sobre os primeiros anos de existência da “Gazeta de Alegrete”, além de citar matérias publicadas em suas edições, no período de 1882 a 1908⁶, incluindo, por

⁴ Em um próximo artigo, já em construção, será possível ampliar as informações aqui contidas, em razão do espaço destinado pelas revistas científicas.

⁵ Faz-se necessário destacar que este estudo só foi possível graças às pesquisas realizadas, por mais de 50 anos, pelo jornalista e historiador João Batista Marçal, autor de mais de dez livros com enfoque na imprensa da fronteira-oeste e de Porto Alegre. Marçal reúne em sua casa uma hemeroteca com exemplares de jornais desde os primórdios do século 19 até os dias atuais; uma biblioteca contendo grande parte dos livros, incluindo raridades, que trataram da imprensa gaúcha; documentos recolhidos sobre jornais e jornalistas do Estado; fotografias dos personagens, fontes manuscritas, dentre outros materiais ainda inéditos em trabalhos acadêmicos.

⁶ Os arquivos da “Gazeta de Alegrete”, no período de 1882 a 1898, além de vários outros anos que se estendem até 1958, foram destruídos em um incêndio que acabou com a sede, as oficinas, as máquinas e os documentos do jornal em 1959. Felizmente, grande parte do arquivo, a partir de 1898, foi refeito com a ajuda dos alegretenses que guardavam os exemplares da “Gazeta” (GAZETA DE ALEGRE, 2/02/1960, p. 6). O livro de Araújo Filho, desta forma, passou a ser a única fonte de informação sobre notícias publicadas no período de 1882 a 1898.

exemplo, o dia da Abolição da Escravatura, em 1888, e a Proclamação da República, em 1889.

Também fez parte do levantamento de dados, entrevista em profundidade concedida pelo jornalista Maurício Goldemberg, em Alegrete (2016), hoje com 86 anos. Goldemberg começou a trabalhar na Gazeta em 1944, aos 15 anos de idade, e nela atuou até o início do século 21. Foi estafeta, redator, editor, diretor, um dos sócios do jornal e conselheiro dos dois diretores – Samuel Marques e Hélio Ricciardi – que permaneceram à frente da “Gazeta” entre 1970 e início de 2015, quando ambos faleceram. Assumi, então, Lilia Ricciardi, filha de Hélio, atual proprietária do semanário.

Os primeiros 10 anos da Gazeta de Alegrete

A cidade de Alegrete localizada na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, a 490 Km de distância da capital do Estado, Porto Alegre, a 125 Km do Uruguai (fronteira entre Quaraí e Artigas, e a 149 Km de Paso de los Libres, na Argentina, fronteira com Uruguiana. Quando a Gazeta foi fundada, a cidade contava com cerca de 10 mil habitantes. Na região, envolvendo todos os municípios fronteiriços à Argentina e ao Uruguai, muitas batalhas foram travadas ao longo de três séculos (XVIII, XIX e XX). Alegrete foi a terceira (e última) capital farroupilha, onde foi escrita a primeira Constituição Republicana do Brasil.

Araújo Filho destaca em seu livro o cenário vivido pela população na época, como importante fator para compreensão do ânimo dos habitantes e da cultura que se formava na região:

Durante o período revolucionário, o município de Alegrete foi teatro de toda a sorte de tropelias, sofrendo os habitantes as consequências das iras partidárias, tanto na campanha como na cidade, ocupada por uma e por outra das forças beligerantes; muitas vezes até à mercê de algum caudilho ou gaúcho quadrilheiro, que se arrogava o honorífico título de comandante da guarnição, ocupando o abandonado quartel e ditando leis a seu talento. [...] Suportou ainda o nosso município as consequências de muitos recontros e escaramuças de partidas volantes, e travessias de forças em todas as direções, causando alarme entre os habitantes pacíficos e deixando quase sempre após si algum traço de sangue e depredação (ARAÚJO FILHO, 1908, p. 105-106).

A compra da tipografia que deu origem à Gazeta de Alegrete foi, portanto, em ambiente hostil. Freitas Valle, criador da “Gazeta de Alegrete”, adquiriu e renovou uma

pequena tipografia do extinto “Jornal do Comércio”, que circulou em Alegrete de 1876 a 1881 (Goldemberg, [1973], 1993, 2. ed.). Seu lema era: “Combater e derrubar a nefanda escravatura” (ARAÚJO FILHO, 1908).

Conta Fredolino Prunes (1957, p. 4) que instalada a tipografia, Freitas Valle precisou encontrar um tipógrafo em cidades vizinhas porque não existia nenhum na cidade. Foi contratado um profissional que residia em Cruz Alta. Ao chegar em Alegrete, passou a tomar conta e a organizar a oficina da Gazeta. Chamava-se Virgílio Soares e foi com ele que, em 1888, José Celestino Prunes, então com 39 anos, e seus dois filhos mais velhos – Fredolino, com 15 anos, e Lourenço, com 13 anos (aproximadamente) - aprenderam a lidar com os componedores da gráfica, na condição de operários do jornal (FREDOLINO, 1957).

Em 1889, com a saída do artista gráfico⁷ Virgílio Soares do cargo de tipógrafo-chefe, Antonio Agostinho do Nascimento, administrador, gerente e diretor do setor econômico do jornal, convidou seu compadre e amigo José Celestino Prunes e seus filhos José Fredolino e Lourenço para dirigirem a gráfica da “Gazeta”. A impressão, naquele período, estava a cargo de João Crisóstomo. Os três, exercendo a função de artistas gráficos, sem contar com nenhum patrimônio, percebiam [juntos] 75 mil réis por mês. Escreveu Fredolino (1956, p. 6): “Parece incrível, mas naquele tempo uma família comprava com essa quantia pelo menos os comestíveis para subsistir, ainda que em alguns meses se atrasassem no caderno da Casa Freitas Valle⁸”. Sobre este comentário, Corrêa (2014), em capítulo de livro sobre o movimento operário em Alegrete, tendo como objeto de estudo a atuação de Fredolino Prunes no movimento operário gaúcho, faz a seguinte observação: “Evidencia-se o grau de ‘proletização’ da família Prunes, embora sendo eles ‘artistas gráficos’, profissionais na época considerados raros e qualificados” (CORRÊA, 2014, p. 146).

José Celestino fica no comando da gráfica do jornal e assume a redação e a direção da “Gazeta de Alegrete”, em 3 de março de 1891, conservando-se à frente da mesma até março de 1893, quando o jornal teve interrompida a sua publicação, sendo substituída pelo órgão denominado “O Til”, dirigido por seu filho José Fredolino Prunes, e do qual veio a ser redator. De 1891 até 1944, a “Gazeta” fica sob a administração e direção dos Prunes.

José Celestino Prunes, o patriarca da família, era argentino. Nasceu na Província de

⁷ Na época da tipografia, os tipógrafos eram chamados de artistas.

⁸ A família Freitas Valle (do fundador da “Gazeta de Alegrete”) nunca deixou de socorrer os Prunes em momentos de dificuldade. Eles anotavam em um caderninho as compras e adiantamentos feitos pelos Prunes, que saldavam a dívida no mês seguinte (FREDOLINO, 1956).

Entre-Rios, Concórdia, em 6 de abril de 1849. Veio para o Brasil ainda muito moço, radicando-se na cidade de Alegrete, onde casou com Malvina Tiellet Prunes. Jornalista de mérito, José Celestino dominava o português com maestria.

Falar da ‘Gazeta’ é falar da família Prunes e de um sem-fim de pequenos jornais que estes espalharam lá pelo fundo do Pampa. [...] A "Gazeta do Alegrete", plantada no coração nevrálgico da Fronteira Oeste, ao longo do tempo funcionou como uma árvore frondosa, de imensas raízes que foram se ramificando e semeando "filhotes" em várias comunidades dentro e fora de seus limites geográficos. Enfim, uma espécie de Meca do jornalismo fronteirista (MARÇAL, 2001, p. 6).

Após o período de interrupção da “Gazeta de Alegrete”, ela reaparece em 29 de agosto de 1897, já como propriedade dos Prunes. A partir dessa data, José Celestino permanece como seu diretor até o ano de 1910. Em 1905, assume a redação do "Assisense"⁹, fundado por seu filho Teotônio em março daquele ano, na cidade de São Francisco de Assis; continuava, porém, dirigindo a "A Gazeta" e residindo em Alegrete: de lá mandava matéria redatorial para o órgão assisense.

José Celestino foi, ainda, coletor federal em Alegrete, onde faleceu em 1922. Escreveu cerca de 30 anos. Segundo depoimento de seus contemporâneos, Celestino Prunes era um homem muito bom, solidário, amigo, correto, fraterno, hospitaleiro (GOLDEMBERG, 2016), “mas de temperamento explosivo. Sua casa estava sempre aberta para receber intelectuais e artistas” (LOURENÇO MÁRIO PRUNES, 1956)¹⁰.

O patriarca da família teve sete filhos homens, quais sejam: José Fredolino (1873-1957); Lourenço Prunes Sobrinho (187?-1945)¹¹; Afonso Augusto (187?-1911)¹²; Olinto (1881-1935); Teotônio (1884-1948); Cirino (1889-1936) e Honorino (1897-1960).

⁹ Detalhes da fundação de “O Assisense” mais adiante.

¹⁰ Nota escrita por Lourenço Mário Prunes (neto de Celestino) em complemento ao livro, a ser lançado em data não estipulada, intitulado “Gazeta de Alegrete, os Prunes e seus jornais”, de João Batista Marçal (2014, p. 8). A nota consta em documento inédito, de posse do historiador João Batista Marçal. Trata-se de texto escrito por José Fredolino Prunes, em 1956, um ano antes de sua morte, a pedido de seu filho Lourenço Mário Prunes. O documento tem 46 páginas e intitula-se “Notas para história da imprensa na fronteira do Rio Grande do Sul”. Anos depois da morte de Fredolino, a partir desse documento, Lourenço Mário solicitou a Marçal que editasse o texto, fazendo uma apresentação e notas explicativas. Marçal acrescentou sua pesquisa sobre a família Prunes e os jornais criados por ela. Na ocasião (abril de 1969), também foi solicitado ao Presidente do Círculo de Pesquisas Literárias, Lothar Francisco Hessel, que fizesse um comentário sobre o trabalho, anexado no texto a ser lançado por João Batista Marçal. Algumas passagens do relato já foram citadas pelo historiador Anderson Romário Pereira Corrêa (2014), no artigo intitulado “José Fredolino Prunes (1873-1957): a incorporação do proletariado na sociedade”.

¹¹ O segundo filho de José Celestino. Sabemos que faleceu em Porto Alegre, após 1940. Pode ter nascido entre 1875 e 1876.

¹² Não conseguimos ainda encontrar fonte segura sobre a data de nascimento de Afonso Augusto Prunes, que faleceu em 20 de setembro de 1911. Através de fontes secundárias, calcula-se que seu nascimento tenha ocorrido entre 1877 e 1879, pois é o terceiro filho de José Celestino.

Até onde pudemos investigar, ainda fazem parte da história da imprensa gaúcha, os seguintes familiares do casal José Celestino e Malvina Tiellet: Arlinda Gonçalves da Silva Prunes (esposa de Teotônio Prunes); Lourenço Mário Prunes (filho de José Fredolino); Celestino de Moura Prunes (filho de Lourenço Prunes Sobrinho); José Luiz Ferreira Prunes (filho de Lourenço Mário Prunes); Armelinda Prunes (filha de José Fredolino); Suely de Freitas Prunes (filha de Cirino Prunes) e João Tiellet, cunhado de José Celestino¹³.

No total, foram 15 membros da família contribuindo, por 57 anos, para a formação da história da imprensa gaúcha entre, pelo menos, 1888 e 1957, ano de falecimento de Fredolino Prunes. Todos eles, já falecidos, se iniciaram como gráficos e redatores de notícias nas instalações da “Gazeta de Alegrete”, tendo sido treinados por José Celestino Prunes e pelos dois filhos mais velhos, José Fredolino e Lourenço. Todos os integrantes da família eram, ideologicamente, republicanos e envolveram-se ativamente na política local e estadual.

José Celestino introduz a família no ambiente jornalístico, adquirindo a empresa e gráfica Gazeta de Alegrete de seu fundador, Luiz de Freitas Valle, onde todos seus sete filhos aprenderam o ofício. Dessa segunda geração, dos sete filhos, seis são responsáveis pela criação de 18 veículos de comunicação, em 9 municípios gaúchos. Segundo as evidências, provavelmente, o irmão mais moço, Honorino Prunes, que atuou ativamente como jornalista e proprietário de jornal, também tenha sido fundador de um dos jornais, “O Republicano”, juntamente com seu irmão Lourenço Prunes Sobrinho, mas não foi possível comprovar essa hipótese por falta de documentação¹⁴.

Após 16 anos de trabalho, em 1904, por iniciativa de Fredolino, que realizou a compra do maquinário, a família reuniu-se para criar uma nova empresa, voltada para publicação de livros, jornais, panfletos, cartões de visita, convites de casamento, etc. Foi quando surgiu a “Livraria e Gráfica O Coqueiro”, com um capital de 50.000\$000. Araújo Filho comentou:

[...] esta época marca o ponto de partida para o progresso franco desta arte gráfica, pelos melhoramentos nela introduzidos por estes proprietários, os primeiros que trouxeram para aqui [Alegrete] máquinas aperfeiçoadas e material moderno (ARAÚJO FILHO,

¹³ A pesquisa que levantou os nomes dos Prunes que atuaram na imprensa gaúcha foi feita pelo jornalista e historiador João Batista Marçal. O material continua inédito em seus arquivos, datilografados em folhas de ofício, devendo ser utilizado para lançamento de um livro, intitulado “Gazeta de Alegrete”, os Prunes e seus jornais. Nossa pesquisa confirmou muitos dados, através da leitura do arquivo histórico da “Gazeta de Alegrete”, que está sendo digitalizado pela PUCRS, sob coordenação da autora deste artigo, e em entrevista com o jornalista Maurício Goldemberg.

¹⁴ Mais adiante detalha-se a fundação do jornal “O Republicano”.

1908, p. 206).

Ainda sobre a Livraria, Araújo Filho relata que as oficinas dos Prunes estavam aparelhadas para a execução de quaisquer obras por conter “uma excelente máquina Marinoni, formato 1,20m por 0,96cm, três máquinas menores dos autores Cropper, Phenix e Weiler, picotadoras, máquinas de costurar folhetos, cortadora de cartões, guilhotina de grande formato, prensas e um escolhido sortimento de typos modernos” (ARAÚJO FILHO, 1908, p. 206). Era com estes equipamentos que a Gazeta era feita e impressa.

Apesar de não possuímos informações precisas sobre a situação econômica dos Prunes em 1904, sendo provável que tenham realizado um empréstimo, podemos afirmar que foi um passo de coragem da família investir de uma só vez em todo o maquinário necessário para publicação de livros e de todo tipo de material impresso. Foi uma atitude arrojada e visionária, conforme afirmou Araújo Filho (1908, p. 206): “A livraria e tipografia d’O Coqueiro pode competir com qualquer outra do Estado e corresponde plenamente às necessidades do nosso meio, por isso que os seus proprietários, que também são artistas, acompanham a evolução da arte, de conformidade com os seus interesses profissionais”.

O “Correio do Povo”¹⁵, fundado em 1895, por Francisco Caldas Júnior, em Porto Alegre, surgiu com uma máquina impressora da marca Alauzet, com quatro páginas, divididas em 6 colunas, tamanho 39 centímetros por 56 centímetros. No entanto, relata Galvani (1995, p. 60), “o sonho do fundador, já na fundação do periódico, era adquirir uma máquina Marinoni, superior à dos concorrentes” (eram oito jornais diários circulando na capital gaúcha). O sonho precisou ser adiado e somente em 1º de julho de 1897, importada da Europa, foi possível inaugurar a Marinoni (a mesma adquirida pelos Prunes dois anos antes)¹⁶.

Destaque-se que a criação da “Gráfica O Coqueiro” ocorreu após um período de grande perturbação para os Prunes. Em março de 1893, a “Gazeta” foi forçada a interromper sua publicação por falta de tipógrafos. Irrompera a Revolução Federalista. Em 2 de julho, do mesmo ano, foi substituída pelo jornal “Til”, fundado por José Fredolino Prunes, o filho mais velho de José Celestino. A “Gazeta de Alegrete” só voltou a circular em 29 de agosto de 1897.

¹⁵ O “Correio do Povo” foi o jornal de maior influência no século XX, tendo revolucionado o jornalismo gaúcho, ao introduzir um diário sem compromisso político-partidário, ao contrário dos demais. Em seu primeiro número, o editorial registrou: “Este jornal vai ser feito para toda a massa, não para determinados indivíduos de uma facção” (GALVANI, 1995).

¹⁶ Caldas Júnior fundou seu jornal aos 27 anos, “baseado em empréstimos em que apenas seu nome pessoal funcionara como aval” (GALVANI, 1995, p. 61).

Os filhos de Prunes, em destaque Fredolino, então com 20 anos, e Lourenço, com 18 anos, participaram por um ano de frentes de batalha. Abandonaram a luta e fugiram para o Uruguai, por serem perseguidos pelos federalistas. Somente 11 anos depois (1904), Fredolino, com 31 anos, consegue retornar para Alegrete, ano que funda a “Livraria e Gráfica O Coqueiro”, com equipamentos modernos e superiores aos concorrentes, destacando-se a impressora Marinoni, adquirida em 1895/1896, quando residia em Quaraí e dirigia o jornal “A Fronteira”¹⁷. Assim como no “Correio do Povo”, com a aquisição da impressora, a “Gazeta de Alegrete” aumenta de tamanho, de número de páginas e sua tiragem (ARAÚJO FILHO, 1908).

Na caminhada dos irmãos Prunes, nos 11 anos que estiveram afastados de Alegrete, por força das circunstâncias, a vocação jornalística dos mesmos estiveram presentes em cada passo que deram. Nessa jornada, pode-se destacar características de suas personalidades, como idealismo, romantismo, aventura, arrojo, sacrifícios, posições ideológicas, paixão, engajamento político, entre outras. No período, sofreram vários atentados contra suas vidas, relatados por Fredolino (1956).

O tempo passou. A “Gazeta” atravessou, impávida, vencendo dificuldades sem conta, agressões que atingiram principalmente a mim, a Lourenço e Cirino (este pelo menos três vezes foi agredido fisicamente. Ela esteve mesmo ameaçada de ser incendiada. Os amigos sempre estavam do nosso lado, e mesmo na outra banda, **entre os maragatos**, os mais sensatos e equilibrados muitas vezes manifestavam sua desconformidade com as agressões que procuravam nos atingir (FREDOLINO, 1956, p. 26-27, grifo nosso).

Nos primeiros anos, precisaram buscar empregos para sobreviverem. Fredolino se exilou na Argentina e no Uruguai, trabalhando em jornais dos países vizinhos. Lourenço circulou pela fronteira-oeste e se fixou em Quaraí, cidade fronteira com o Uruguai. Teotônio foi para São Francisco de Assis, onde fundou um jornal, e contou com a ajuda do pai, José Celestino; em 1904, Teotônio assumiu a gerência de um jornal em Santa Maria. Afonso Augusto mudou-se para Quaraí onde atuou como jornalista e gráfico. Olinto também se mudou para Quaraí, atuando como tipógrafo e jornalista, onde também criou um jornal. Parecia haver uma tendência de empreendedorismo social dos Prunes, voltado para criação de jornais.

¹⁷ Mais adiante, relatamos a fundação do jornal “A Fronteira”, em parceria com Dartagnan Tubino, em Quaraí. Fredolino relata (1957) detalhes da criação desse jornal, mas não fica claro se a compra da Marinoni aconteceu em 1895 ou 1896, dois anos antes da aquisição de uma Marinoni pelo “Correio do Povo”, o que ocorreu em 1897.

Todos tiveram empregos paralelos durante o período de embates entre republicanos e federalistas para poderem sustentar suas famílias e a própria “Gazeta de Alegrete”, já que essa raramente proporcionava lucro (FREDOLINO PRUNES, 1956). Na região, a rivalidade entre os dois grupos permaneceu por longos anos, estendendo-se, pelo menos, até os anos 20, do século XX. Não encontramos nenhum relato que indicasse discórdias entre os irmãos quanto à administração dos negócios em família. Ao que tudo indica, havia união entre os irmãos e sobrinhos.

Os irmãos Prunes e seus familiares

Para aferir a vocação jornalística dos Prunes, pesquisamos, para este trabalho, as atividades da família no ramo jornalístico, visando entender como elas contribuíram para o desenvolvimento de empresas jornalísticas no Rio Grande do Sul. Infelizmente, apenas a “Gazeta de Alegrete” possui um arquivo histórico de suas edições, que está sendo digitalizado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob coordenação da autora deste trabalho. Em 2016, os demais jornais não foram localizados em nenhum museu, biblioteca ou coleção particular do Estado. Outros documentos, no entanto, bem como bibliografias da primeira metade do século XX e depoimentos de pessoas proporcionaram a descrição das atividades jornalísticas da família Prunes.

Voltando à história de Fredolino, dois anos após atuar como gráfico na “Gazeta de Alegrete”, criou, aos 17 anos, em 1890, em sua cidade natal, um pequeno jornal literário chamado “O Til”, tendo convidado para redator seu professor Francisco Machado Coelho, o primeiro diplomado normalista que dirigiu uma escola pública em Alegrete (FREDOLINO PRUNES, 1956). O nome do jornal foi ideia do professor Coelho, segundo seu criador (1956). O jornal era impresso, em três colunas, na gráfica da “Gazeta”, em uma folha de papel almaço, formato papel de ofício, comprado na casa Portela & Ruas. “Creio que tal papel, sem pauta, era destinado à feitura de cigarros”, escreveu Fredolino (1956, p. 44), o que mostra a vocação de criador.

Era um semanário que circulava aos domingos na cidade. Com esse formato durou apenas alguns meses e deixou de ser impresso. Ressurgiu em 7 de agosto de 1892. A princípio era exclusivamente literário, mas, a partir de 4 de março de 1893, aumentou o formato, saindo com quatro colunas e tornando-se literário, comercial e noticioso. Com essa finalidade foi publicado até 2 de julho do mesmo ano (1893), passando nessa data, a substituir a “Gazeta de Alegrete”, que interrompeu sua publicação em decorrência da

invasão da cidade pelos federalistas revolucionários¹⁸, que se opuseram aos republicanos e a sua dissidência (que se organizou como partido), tendo no comando, dentre outros, Demétrio Ribeiro¹⁹ e Barros Cassal²⁰, ambos alegretenses. Naquele momento, José Celestino não mais escondia sua preferência política, exposta abertamente nas páginas da “Gazeta de Alegrete” (FREDOLINO, 1956).

Sobre sua criação, “O Til”, José Fredolino conta que Francisco Machado Coelho, seu professor, “inteligente e culto”²¹, deu-lhe uma feição simpática: continha diversas seções de anedotas, historietas, comentários sociais, *charadas* e logogrifos, na época, indispensáveis para o jornal. Com o trabalho realizado em O “Til”, “Machado Coelho mereceu o título de primeiro charadista rio-grandense, recebendo prêmios do Anuário de Graciano Azambuja, editado na Livraria Gundlach” (FREDOLINO, 1956, p. 44).

Conforme seu criador, “O Til” tinha mais de cem assinantes. “[...] As quatro páginas do jornalzinho eram feitas à noite, aos sábados, pois ‘O Til’ aparecia aos domingos”, relatou Fredolino (1956, p. 44). Ele e seu irmão Lourenço faziam a composição e a impressão, depois de a “Gazeta de Alegrete” ter sido composta, paginada e impressa. O redator Machado Coelho, “entusiasta e abnegado”²², passava a noite com os dois rapazes, revisando provas ou redigindo originais para completar a edição. “E tudo isso por amor à arte” (FREDOLINO PRUNES, 1956, p. 44). Segundo comentário de Fredolino, poucos avaliavam os sacrifícios do professor e seus dois discípulos.

De qualquer forma, “O Til” saía faceiro aos domingos. Minha mãe esperava os filhos e o marido lá pela madrugada domingueira, dando-lhes café, um pouco de pão e goiabada (nesse tempo, muito barata). Assim viveu o ‘Til’ até os primeiros dias da revolução de 93 (FREDOLINO PRUNES, 1956, p. 44).

¹⁸ Em outro artigo, em construção, a autora aborda as questões políticas que afetaram a vida dos Prunes e da Gazeta de Alegrete.

¹⁹ Demétrio Nunes Ribeiro nasceu em Alegrete, em 5 de dezembro de 1853. Foi educador, engenheiro, jornalista e político brasileiro. Foi o primeiro ministro do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do governo provisório do Marechal Deodoro da Fonseca, após a Proclamação da República.

²⁰ João de Barros Cassal nasceu em Alegrete, em 2 de fevereiro de 1858. Foi ativo político e jornalista brasileiro. Líder republicano, foi candidato à Câmara dos Deputados em 1888, pelo Partido Republicano Rio-grandense, que não elegeu nenhum representante naquela legislatura. Após a Proclamação da República, foi nomeado chefe de polícia do Rio Grande do Sul e diretor do jornal “A Federação”. Participou do governo do estado como membro da junta governativa gaúcha de 1891. Disponível em: <<http://arquivlogs-ahrs.blogspot.com.br/2011/04/arquivo-particular-barros-cassal.html>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

²¹ Adjetivos atribuídos por José Fredolino Prunes (1957).

²² Expressão utilizada por José Fredolino Prunes (1957).

No ano de 1893, "O Til"²³ aumentou de formato novamente, com seis colunas, sendo assim publicado até 29 de agosto de 1897, data em que foi definitivamente suprimido pelo reaparecimento da velha "Gazeta", após uma existência de seis anos. Provavelmente a segunda fase de "O Til" ficou aos cuidados de José Celestino e Machado Coelho, uma vez que Fredolino e Lourenço uniram-se à dissidência republicana e partiram para guerra. Testemunharam fatos horrendos e decidiram abandonar a luta armada, exilando-se em Artigas, Uruguai, cidade fronteira com Quaraí. Após meses, os irmãos Prunes retornaram para Quaraí. Fredolino, no entanto, resolveu partir para Salto Oriental, na Argentina, fronteira com Entre Rios, cidade de seu pai. Esse exílio aconteceu em 1894, quando ainda não tinha ambiente para retornar a Alegrete. A disputa pelo poder entre castilhistas e federalistas continuava na região. Logo que chegou, Fredolino foi empregado como tipógrafo no jornal "Ecos Del Progreso", da cidade de Salto, recebendo 12 pesos por mês para trabalhar das 7h30 às 18h, segundo seu próprio relato (1956). Exatamente um ano depois, em 1895, Fredolino deixou a cidade argentina e retornou para Quaraí, onde o esperava seu irmão Lourenço.

Logo depois de se instalar em Quaraí, Fredolino, aos 22 anos, foi convidado por Dartagnan Tubino²⁴ para fundar o jornal "A Fronteira", que circulou pela primeira vez em 20 de setembro de 1895, sob a direção do alegretense. Seu irmão, Afonso Augusto, com 18 anos, assumiu a administração do jornal. Tubino assumiu a redação por três anos, quando ocorreu sua morte em 10 de julho de 1898. Após essa data, segundo Fredolino (1956, p. 49), "a empresa converteu-se em sociedade por ações, tomadas por amigos, ficando uma parte com ele". De 1898 a 1901, Fredolino (dos 25 aos 28 anos) desempenhou funções redatoriais, encarregando-se do noticiário e da "cozinha" do jornal, e preparando-se para ser o único proprietário.

"Certo dia"²⁵, recebendo a visita do engenheiro Benito Ilha Elejalde, que residia em Uruguaiana, Fredolino foi avisado de que "existia em sua cidade uma máquina impressora e material tipográfico, ainda sem uso, que seriam vendidos em hasta pública, com avaliação muito modesta" (FREDOLINO PRUNES, 1956, p. 51-52). Tratava-se de

²³ Realizamos pesquisas em todas as bibliotecas e arquivos de Porto Alegre e não localizamos nenhum exemplar de "O Til".

²⁴ Dartagnan Batista Tubino (1865-1898) foi jornalista, político e administrador. Foi fundador do primeiro jornal que surgiu na cidade de Quaraí, "Quaraí" (1878). Foi deputado estadual (1892) e prefeito de Quaraí (1895). Foi o organizador político da cidade.

²⁵ Provavelmente, "certo dia", conforme relatou Fredolino (1956), ocorreu em 1896, já que em 1895, Tubino o havia encarregado de comprar as máquinas e material necessário para montar a gráfica do jornal "A Federação".

uma Marinoni. Fredolino conseguiu o dinheiro e seguiu para Uruguaiana. Realizou o negócio e comprou, além da máquina nova, uma cópia de tipos, também novos. “A transação não passou de cinco contos de réis”, conforme Fredolino (1956, p. 52). Encaixotou o material e enviou para Quaraí, via Uruguai.

Chegada a máquina e o material, Fredolino armou a primeira, juntamente com um mecânico e dirigente das máquinas do “Saladeiro Novo Quaraí”, homem forte e hábil, que foi cedido pelo dirigente daquele estabelecimento. A máquina funcionou, fazendo a primeira impressão, mas o papel não era expelido de modo satisfatório. A imperfeição residia no simples processo da retirada automática da folha impressa, cujo funcionamento era ignorado por ambos.

Entre 1901 e 1904, Fredolino (dos 28 aos 31 anos) torna-se o diretor proprietário de “A Fronteira”, tendo como redator, naquele período, Aurélio Porto²⁶, e como gerente, Luciano Nicanor Moreira. Eram funcionários do jornal Teotônio Prunes, com 17 anos, Olinto Prunes, com 20 anos, Artur Rodrigues e Otacílio da Luz Tubino²⁷. Vários números do jornal “A Fronteira” estão arquivados na Biblioteca Pública de Rio Grande. Segundo Marçal (2014), Aurélio Porto deixou nas páginas de “A Fronteira” um vastíssimo número de poesias, crônicas e ensaios, assinados com os mais diversos pseudônimos. Outro escritor de destaque do jornal foi o poeta Frederico Ernesto Estrella de Villeroy²⁸, promotor público da Comarca de Quaraí. O jornal “A Fronteira” durou quase dez anos, tendo deixado de circular em 15 de novembro de 1904, número 857.

Após o fechamento de “A Fronteira”, em 1904, Fredolino (31 anos) providenciou a transferência de sua tipografia para Alegrete. No caminho, por questões de ideologia política, o maquinário foi assaltado, vandalizado e empastelado às margens do arroio Garupá, tendo sido quase tudo destruído por um bando armado. Fredolino foi a Garupá, com dois ou três amigos, recolheu os destroços e conduziu o que sobrara para Alegrete. Na cidade, Fredolino colocou-os em exposição na rua, por alguns dias, para que todos testemunhassem a “selvageria contra a imprensa” (FREDOLINO, 1956).

Tendo ainda como diretor-proprietário Fredolino Prunes (32 anos), o jornal “A

²⁶ Afonso Aurélio Porto foi político, poeta, jornalista e historiador brasileiro. Começou sua vida publicando poesias em “O Atleta”, em Porto Alegre. Mudando-se para Quaraí, publicou em “A Fronteira” de 1901 a 1905.

²⁷ Informações contidas no relato de José Fredolino (1956) e de Marçal (2014).

²⁸ Professor, gramático, poeta, jornalista e orador. Lecionou em diversos colégios de Porto Alegre. Foi um dos mais assíduos colaboradores do “O Guahyba” e da “Arcádia”. Colaborou, ainda, na revista do “Parthenon”, do qual foi figura proeminente, e na revista da “Sociedade Ensaios Literários”, à qual, igualmente, pertenceu (PROJETO PASSO FUNDO, 2016).

Fronteira” apareceu novamente, com o número 858, em 30 de março de 1905, em Alegrete. Ali esteve determinado tempo em circulação, segundo Marçal (2014), passando depois para Livramento, onde foi publicado durante vários anos sob a direção de José Antônio Flores da Cunha²⁹. Anos depois, foi transferido para Uruguaiana, onde foi editado pelo jornalista e poeta quaraíense Argeu Machado Veiga (1906-1983), jornalista, poeta, romancista e ensaísta.

Ainda em Quaraí, revelando outra faceta política, José Fredolino, aos 23 anos, em 1º de janeiro de 1896, em paralelo ao jornal “A Fronteira”, lança “O Amador”, órgão classista e literário. Era impresso na gráfica do jornal “A Fronteira”, também de sua propriedade. Ele deixou de circular em 1º de julho do mesmo ano em que surgiu, tendo circulado por apenas seis meses. Foi o primeiro jornal classista que a cidade de Quaraí conheceu.

O pequeno semanário era administrado por Luciano Nicanor Moreira, vice-presidente do Clube União Caixeiral, fundado em 22 de dezembro de 1895, e servia de porta-voz da entidade operária. Posteriormente, “O Amador” passou a ser porta-voz da União Operária Beneficente, hoje Liga Operária, fundada em 6 de março de 1896, tendo inclusive publicado os estatutos dessa entidade. O semanário passou a ser eminentemente classista a partir de 25 de abril de 1896, quando começou a publicar em seu cabeçalho que era de “propriedade dos tipógrafos de *A Fronteira*”. O diretor de “O Amador” era, então, o tipógrafo Pedro Chaves Bueno. Através de nota estampada na primeira página de “O Amador”, ficava esclarecido que esse passava a ser propriedade de Pedro Chaves Bueno, Afonso Augusto Prunes, Artur dos Santos e João Gualberto Cabral. Fredolino, gratuitamente, havia passado o jornal para propriedade dos tipógrafos, entre os quais constava seu irmão Afonso Augusto, então com 19 anos (MARÇAL, 2004).

Outro semanário criado por José Fredolino Prunes, aos 23 anos, recebeu o nome de “O Farrapo”. Foi criado em Quaraí, a 8 de agosto de 1896, e se autodenominava “jornal democrata”. Eram seus redatores Adalberto Machado dos Santos³⁰ (1870-1958) e

²⁹ Político brasileiro nascido em Santana do Livramento, RS, cuja atuação contraditória de ser várias vezes aliado e adversário dos governos de Getúlio Vargas, influenciou os rumos da política brasileira da primeira metade do século XX. Filiado ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), comandou as forças do governo contra as revoltas tenentistas (1923/1924) e participou da revolução (1930) que levou Getúlio Vargas à Presidência da República. Foi governador do Rio Grande do Sul (1934-1937), cujo mandato não terminou por entrar em conflito com o governo federal e ter que se exilar no Uruguai. Retornou ao Brasil (1943), onde respondeu a processo por crime político, sendo condenado a um ano na prisão. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JosAFCun.html>. Acesso em: 15 jul. 2016.

³⁰ Adalberto Machado dos Santos foi professor, jornalista, poeta e cronista. Deixou grande quantidade de poesias nas páginas do jornal “O Farrapo”.

Domingos dos Anjos Siqueira, Áulio D' Alvin e "Farrapo", pseudônimo sob o qual se ocultava Fredolino Prunes.

Adalberto Machado dos Santos e Domingos dos Anjos Siqueira eram poetas e cronistas, tendo deixado vasta colaboração nas páginas de "O Farrapo" e de "A Fronteira". Adalberto Machado era natural de Livramento e deixou um livro de poesias publicado. Juntamente com Domingos Siqueira, foi professor no antigo Colégio Quaraí (MARÇAL, 2001, p. 24).

O jornal "O Farrapo" tinha uma boa apresentação gráfica. Possuía uma coluna literária de boa redação e notícias da época. Logo que foi lançado, não publicava anúncios comerciais. Pedro Chaves Bueno foi seu administrador, e Adélio de Souza, livreiro e conselheiro municipal, era o encarregado de colher assinaturas. "O Farrapo" era impresso em "A Fronteira", também de Fredolino Prunes (MARÇAL, 2014).

Em 8 de setembro de 1896, conforme Marçal (2014), o jornal "O Farrapo" passou a publicar folhetins da História da Bastilha, de Emílio Castelar, tendo incentivado e impulsionado a criação do grupo teatral denominado Grêmio Dramático Operário-Caixaerial, em Quaraí. Passou a ser quinzenal em 16 de fevereiro de 1897, e durou cerca de um ano.

Em Alegrete, então com 14 anos de idade, Teotônio Prunes funda, "O Álbum", tendo seu primeiro número circulado em 3 de setembro de 1896. O jornalzinho era impresso na "Gazeta" e teve vida efêmera. Trazia em seu cabeçalho o nome de ilustres colaboradores. Pouco se sabe sobre esta publicação.

Em 7 de setembro de 1899, surge, em Quaraí, "O Gauchito", sob a direção de Afonso Augusto Prunes, com 22 anos, e do uruguaio Bemardo F. Martinez. O jornalzinho visava à aproximação social dos dois povos vizinhos: Quaraí, no Brasil, e Artigas, no Uruguai. Afonso Augusto Prunes, aos 18 anos, foi o primeiro administrador do jornal "A Fronteira", fundado por Fredolino em sociedade com Dartagnan Tubino, em 1895.

Em 1903, então residindo na colônia de Jaguari, Afonso Augusto (26 anos) funda, em 8 de fevereiro, o jornal "O Jaguari", porta-voz do Partido Republicano daquela comunidade e, também, noticioso. Através das páginas desse semanário, seu criador moveu uma violenta campanha contra Fernando Abbott, candidato à governança do Estado, "o que lhe valeu o sequestro do jornal, um processo e três meses de prisão em Santo Ângelo" (MARÇAL, 2001, p. 25). "O Jaguari" possuía quatro páginas (formato 34 x 50) e sobreviveu por três anos, deixando de circular em fevereiro de 1906, quando Afonso Augusto mudou-se para São Luis Gonzaga, aos 29 anos.

Alvo de problemas financeiros, Afonso Augusto transfere-se para São Luiz

Gonzaga, e, no mesmo ano (1906), associando-se a Luis Abreu Valadares, criam o “Correio da Serra”, órgão independente, noticioso, com quatro páginas. Formato: 35 x 45. “Ali permaneceu por cerca de cinco anos, mudando-se, então, para Santa Maria, onde faleceu com aproximadamente 34 anos, a 20 de setembro de 1911” (MARÇAL, 2001, p. 10). Em Santa Maria, trabalhou no jornal “O Estado”. Na ocasião, era diretor do jornal seu irmão Teotônio.

Teotônio Prunes, aos 21 anos, em 19 de março de 1905, tendo como redator José Fontoura, funda o semanário “O Assisense”, em São Francisco de Assis. Logo nos primeiros números, Fontoura abandonou a redação, passando o jornal a contar com diversos colaboradores. Inicialmente “O Assisense” apareceu como órgão independente, tornando-se depois porta-voz do Partido Republicano de São Francisco de Assis. Um dos bons colaboradores desse jornal foi Manoel da Costa Leite (1866-1950), militar, advogado e orador, que já atuara na imprensa de Uruguaiana, sua terra natal.

Um de seus mais destacados colaboradores foi o quaraiense Januário Batista Tubino (1881-1940), que usava o pseudônimo de “Narinho”. Funcionário público, jornalista e poeta satírico, integrava na época o “Grêmio Literário Lobo da Costa”. Foi o responsável pela coluna “Casse-Tere” desse jornal, onde divulgava seus versos, no geral satirizando a vida e os fatos da comunidade. (MARÇAL, 2001, p. 26).

A partir do número 25 de “O Assisense”, em setembro de 1905, José Celestino, o patriarca da família, assumiu a redação do mesmo, acumulando essa função com o cargo de diretor da “Gazeta de Alegrete”, de onde mandava o trabalho de redação, transportado por carretas.

O jornal “Júlio de Castilhos” aparece na cidade de São Francisco de Assis, a 11 de março de 1906, semanário, fundado e dirigido por Teotônio Prunes, aos 22 anos, tipógrafo, jornalista e republicano. O periódico possuía quatro páginas (formato: 36 x 53). Sabe-se que ainda circulava em 1914 (MARÇAL, 2001).

Cirino Tiellet Prunes, outro irmão de Fredolino, inova no gênero, e cria “O Íris”, revista literária, social e noticiosa que surge em Alegrete, em 5 de setembro de 1906. Cirino tinha, então, 16 anos de idade. Foi jornalista, político e teatrólogo. A revista era impressa, com 16 páginas, nas oficinas da “Gazeta de Alegrete”, na época dirigida por seu pai, José Celestino. Ainda em 1909 têm-se notícia da circulação da revista de Cirino, obedecendo sempre a sua orientação. “O Íris” tinha penetração em todas as rodas culturais do Estado, segundo levantamento de Marçal (2001, p. 27). Também em Alegrete, editou os jornais “O

Society" e "O Marimbondo".

Incentivado por Fredolino, na época deputado estadual, Cirino muda-se para Porto Alegre em 1923, passando a trabalhar no jornal “A Federação”, do Partido Republicano, dirigido por Lindolfo Collor³¹. Foi secretário e redator-chefe e, por diversas vezes, ocupou interinamente o cargo de diretor. Trabalhou por mais de 13 anos em “A Federação”. Por mais de dez anos, também dirigiu o Gabinete de Censura Teatral e Cinematográfica da prefeitura de Porto Alegre, deixando o cargo por ocasião de sua morte, em 7 de dezembro de 1936. “Espírito culto e combativo, lutou mais de 30 anos na imprensa e foi um nome respeitável no jornalismo de seu tempo” (MARÇAL, 2014, p. 13).

Na cidade de Rio Pardo, outro jornal surge por iniciativa de um Prunes. Em 22 de dezembro de 1907, Teotônio, aos 23 anos, funda na cidade de Rio Pardo, o jornal “O Rio Pardo”. Órgão independente, defensor dos interesses gerais do município, conforme se apresentava. No início, era publicado às quintas-feiras e aos domingos, passando no número 69, em setembro de 1908, a circular somente aos domingos, pela manhã. Sabe-se que seu editor realizava edições especiais nos dias de festas e feriados nacionais. Deixou de circular em 21 de fevereiro de 1909, uma vez que seu diretor foi dirigir outro jornal na cidade de Encruzilhada do Sul. Possuía quatro páginas (formato: 32 x 45).

Um ano depois, a 2 de julho de 1908, a esposa de Teotônio, Arlinda Prunes, funda um jornal literário, de nome “O Incentivo”. Juntamente com sua sócia, a consagrada poetisa gaúcha Natércia Cunha Veloso (1892-1975)³², imprimiam, com suas próprias mãos, o jornal nas oficinas de “O Rio Pardo”. Ambas eram diretoras e redatoras do jornal, que teve vida efêmera. Conforme Marçal (2001, p. 10), “Arlinda tornou-se exímia tipógrafa”. Após a morte de seu marido, em 1948, mudou-se com os filhos para Porto Alegre, passando a trabalhar na Tipografia Prunes, criada por Teotônio em 1925, até seus 70 anos de idade, quando faleceu. Segundo Lourenço (filho de Fredolino *apud* MARÇAL, 2001), foi com o trabalho de compor, paginar e imprimir panfletos que Arlinda ajudou a sustentar sua família, função raríssima exercida por mulheres de sua contemporaneidade.

Unida pelo matrimônio com um tipógrafo e jornalista, foi, por assim dizer, contaminada pela febre da imprensa, de tal maneira que se tornou exímia tipógrafa. Ombreou com o marido nas lutas jornalísticas, dirigindo, redigindo e imprimindo, juntamente com Natércia Cunha Veloso, "O Incentivo" [...]. Desde então não mais

³¹ Lindolfo Collor, jornalista de carreira, foi importante político brasileiro, com várias legislaturas, e Ministro do Trabalho do governo de Getúlio Vargas (1930-32).

³² Foi professora estadual, poetisa e musicista. É Patronesse da cadeira nº 6 da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, de Porto Alegre.

deixou as velhas caixas tipográficas (MARÇAL, 2001, p. 10).

Arlinda era de temperamento explosivo. “Apaixonava-se pela causa pública, tomando partido político, não raro com risco para a segurança do casal e dos filhos” (MARÇAL, 2001, p. 11). Outro jornal fundado por Teotônio Prunes, aos 25 anos, foi “A Campanha”, na cidade de Encruzilhada do Sul, a 11 de abril de 1909. Órgão defensor dos interesses do município, auto-proclamado como “independente” de interesses políticos. Possuía “colaboradores diversos”, regular formato e, “ao que tudo indica, não chegou a completar três meses de vida” (MARÇAL, 2001, p. 28).

Lourenço Prunes Sobrinho, jornalista, político e editor, filho de José Celestino, fundou na cidade de Livramento o jornal “O Republicano”, aos 42 anos, muito provavelmente junto com seu irmão caçula Honorino, o primeiro redator e gerente do jornal, à época com 20 anos de idade. Seu primeiro número data de 13 de maio de 1917. Tinha por objetivo ser uma sucursal da Livraria e Tipografia *O Coqueiro*, dirigida por ele e por José Fredolino (MARÇAL, 2001). Seguiram-se-lhe Anaurelino Pinheiro, na gerência, e o brilhante poeta gaúcho Alceu Wamosy³³, na direção e redação. De 1920 a 1922, Wamosy tornou-se proprietário desse órgão (MARÇAL, 2001). Em 1922, “O Republicano” passa a ser de propriedade de Honorino Prunes, que permaneceu como redator, diretor e proprietário até o ano de 1936, quando o jornal foi comprado pelo Partido Republicano de Livramento, então obedecendo à chefia de José Antônio Flores da Cunha. Sabe-se de sua circulação ainda em 1948, tendo como proprietário o coronel Francisco Flores da Cunha (MARÇAL, 2001). Honorino Prunes muda-se para Jaguari em 1936, tornando-se prefeito desse município.

Teotônio Prunes, aos 54 anos, provavelmente em acordo com o irmão Honorino, em 1938 funda o jornal “O Estado Novo”, órgão político e noticioso, na cidade de Jaguari. Honorino tornara-se prefeito do município. Teotônio colocou seu semanário em defesa da administração do irmão (MARÇAL, 2001). O “Estado Novo” não chegou a completar um ano.

Olinto Prunes, tipógrafo e jornalista, trabalhou na tipografia de “A Fronteira”, em Quaraí, entre os anos de 1901 a 1904. Em 3 de agosto de 1902, aos 21 anos, fundou naquela

³³ Alceu Wamosy nasceu em Uruguaiana (RS), em 14/02/1895, e faleceu em Livramento, em 13 de setembro de 1923. Publicou seu primeiro livro de poesia em 1913 (Flâmulas). A partir de 1917, passou a trabalhar no jornal “O Republicano”, de Lourenço Prunes Sobrinho, tornando-se seu proprietário de 1920 a 1922, apoiando o Partido Republicano. Lutou na Revolução Federalista, sendo ferido em combate, o que provocou sua morte.

cidade o jornal "A Conquista", semanário que durou até 1903. Era redatado por ele e pelo então jovem e depois famoso historiador Aurélio Porto (1879-1945).

Voltando à terra natal, Olinto não mais se afastou das caixas do jornal alegretense. Era casado com Ercília P. Prunes. Trabalhou quase toda a vida na "Gazeta", falecendo em 9 de maio de 1935, aos 54 anos.

A passagem dos Prunes pelos 18 jornais criados por eles não abarca toda história jornalística da família. Cirino Prunes, "trabalhador infatigável"³⁴, marcou a história do jornal "A Federação"³⁵, órgão do Partido Republicano Rio-Grandense, com sede em Porto Alegre, depois transformado em Imprensa Oficial do Governo do Estado. Foi redator, secretário, redator-chefe e diretor por diversas ocasiões. "Depois de desempenhar a contento a chefia da redação e direção (em "A Federação"), não raro era comum encontrá-lo, de mangas arregaçadas, a trocar ideias e impressões com os tipógrafos e impressores, ajudando-os na paginação" (MARÇAL, 2001, p. 33).

Celestino Prunes era médico, jornalista e professor universitário, filho de Lourenço Prunes Sobrinho, neto de José Celestino. No período que estudou em Porto Alegre, foi repórter de "O Diário", que circulou na capital gaúcha a partir de 1915, sob a direção de Carlos Penafiel³⁶. Nesse jornal, foi colega e contemporâneo de Alceu Wamosy, de quem foi amigo íntimo e com quem morou numa república. Durante 10 anos, entre 1920 e 1930, fez parte do grupo de redatores da "Gazeta de Alegrete", tendo travado polêmicas com o maragato³⁷ Júlio Ruas, diretor de "A Palavra", que circulava na época em Alegrete.

Em Porto Alegre, Celestino colaborou em diversos órgãos da imprensa gaúcha, inclusive na revista "Província de São Pedro". Foi chefe de gabinete do ministro João

³⁴ Expressão utilizada por Marçal (2001).

³⁵ Há 132 anos, na Província de São Pedro (RS), em 1º de janeiro de 1884, começou a circular um dos mais importantes jornais de cunho político-partidário no Brasil: "A Federação". Com a missão de divulgar os ideários republicanos, este periódico se notabilizou, em sua primeira fase, por combater o regime monárquico, defender a criação de uma República Federativa no Brasil e o término da escravidão. O jornal "A Federação" foi impresso até o dia 17 de novembro de 1937 quando se instalou a ditadura do Estado Novo (1937-1945), sob o comando do presidente Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954) que decretou o término do jornal. Em dezembro, daquele ano, por decreto foram extintos no Brasil os partidos políticos. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/memoria/federacao-um-jornal-que-fez-historia>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

³⁶ Antônio Carlos Penafiel (1883-1960) foi [médico](#), [político](#), [professor](#) e [jornalista brasileiro](#). Foi o primeiro diretor psiquiátrico do [Hospital Psiquiátrico São Pedro](#). Como jornalista, foi fundador e diretor do jornal "O Diário de Porto Alegre", em 1911; depois diretor de "A Federação", em 1915. Foi [deputado estadual](#) (1915-1920) e [deputado federal](#) (1921-1923). Era genro de [Júlio de Castilhos](#).

³⁷ **Maragato** foi o nome dado aos sulistas que iniciaram a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, em 1893, em protesto à política exercida pelo governo federal, representada na província por Júlio de Castilhos. Os maragatos eram identificados pelo uso de um lenço vermelho no pescoço (oposição).

Alberto Lins de Barros, seu cunhado, então Chefe de Polícia do Distrito Federal, de 1930 a 1932. Em 4 de maio de 1935, a convite do general Flores da Cunha, assumiu a direção do jornal “A Federação”, em Porto Alegre, tendo sido seu último diretor.

Importante destacar o trabalho de outra mulher à frente da Gazeta de Alegrete. Quando seu irmão Lourenço Mário transferiu-se de Alegrete para Porto Alegre, Almerinda Clotilde, filha de Fredolino, praticamente assumiu a direção do jornal alegretense. Ela estudou Humanidades no Colégio Sevigné, de Porto Alegre. Era culta e inteligente. Escrevia sueltos, artigos, reportagens, e terminava o trabalho diário fazendo a revisão do jornal, como fazia seu irmão Lourenço.

José Luiz Ferreira Prunes, filho de Lourenço Mário Prunes e Gelsa F. Prunes, foi advogado, jornalista e juiz da Justiça do Trabalho. Formou-se pela Faculdade de Direito de Porto Alegre. Quando estudante iniciou-se no jornalismo e nas letras, realizando diversas pesquisas e trabalhos, sendo um deles sobre a personalidade de Júlio de Castilhos.

Suely de Freitas Prunes, filha de Cirino Prunes e Maria de Freitas, era jornalista, contista e teatróloga, natural de Alegrete, tendo nascido em 12 de janeiro de 1912. Faleceu em 20 de novembro de 1968, aos 56 anos. Pertenceu à Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Sul e durante muitos anos colaborou no "Correio do Povo" e em outros jornais do Estado. Publicou o livro "Menino Grande", de contos, em 1953, e a peça teatral "Cumparsita", representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre. Seu único irmão, Ignácio de Loiola Prunes, era também jornalista e durante muitos anos exerceu suas atividades na Gráfica Guaíba, em Porto Alegre.

Considerações finais

Em concordância com aspectos da empresa familiar, destacados em artigos científicos pelos pesquisadores da área de Administração, pudemos verificar no comportamento da família, as seguintes características, também encontradas em empresas familiares: tradições, valores e prioridades semelhantes entre os membros da família; formação do sucessor dentro da própria empresa; arrojo na compra de maquinário de ponta; empreendedorismo, rapidez de decisão; lealdade e obediência dos empregados; nome do fundador como um símbolo (no caso, Celestino Prunes, por ser o patriarca, e Fredolino, por ser o empreendedor); respeito aos gráficos; a figura do patriarca é exemplo da família; agilidade nas decisões; contato dos operários diretamente com os proprietários, tornando as relações mais pessoais; objetivos claros na defesa da república brasileira; os mais velhos

procuraram transmitir ensinamentos a seus sucessores, garantindo a continuidade e qualidade do jornal; liderança, poder de decisão e confiança entre todos; preocupação com a responsabilidade social; administração mais humana, considerando o aspecto social dos empregados e relações informais entre os diversos níveis. Pode-se constatar que se trata de uma família com ambições empreendedoras idealistas.

Fredolino, que administrou a Gazeta a maior parte dos 56 anos que esteve com os Prunes, deu ênfase à política e à prática dos negócios em detrimento de sua formação acadêmica; cultuou a ética de trabalho e a austeridade pessoal. “Para o fundador, desistir da empresa é como assinar seu próprio atestado de óbito; para os filhos sucessores, a pressão é quase idêntica”. A observação é do pesquisador Scheffer (1993), ao relatar seus estudos sobre a sucessão em empresas familiares. Afirmação essa que se encaixa nas memórias de Fredolino, que viveu para a expansão do jornalismo, enquanto seus filhos, irmãos e sobrinhos tiveram tempo de adquirir formação universitária em Porto Alegre, depois de “estagiarem” nas oficinas da “Gazeta de Alegrete” e de sua produção editorial.

Os quinze membros da família Prunes souberam respeitar-se, aprender e ensinar a arte do ofício gráfico e jornalístico, estendendo seus aprendizados a diversos municípios do interior do Rio Grande do Sul, bem como tornarem-se importantes líderes em tradicionais jornais da capital gaúcha, como redatores de notícias e comentaristas (artigos de opinião) das questões comunitárias. Ao que tudo indica, a maior motivação da família foi ideológica: todos acreditavam que o melhor para o Brasil era o regime republicano e por ele lutaram, arriscaram suas vidas, passaram por muitas necessidades, inclusive de sobrevivência, e estiveram ao lado dos líderes do país e do Estado, além de ocuparem cargos de confiança junto aos governantes que sucederam Júlio de Castilhos. Celestino e Fredolino deixaram explícitas suas convicções a favor dos operários e por eles lutaram, através de cargos políticos, declarando-se “socialistas” (FREDOLINO PRUNES, 1956).

Podemos inferir, ainda, que tanto a gestão de José Celestino quanto a de Fredolino foram marcadas pelo paternalismo, aqui entendido conforme proposta de Colbari (1996). O paternalismo apresenta-se de forma a “unir autoridade e firmeza, mas também generosidade e cordialidade, algo muito próximo do universo familiar onde o pai impõe limites, estabelece disciplina, age com autoridade, porém, mostra-se afetivo e paciente para com os seus dependentes” (COLBARI, 1996, p. 78).

Em 1944, quando Fredolino vende a “Gazeta de Alegrete” para Heitor Galant, quase que como “assinando seu próprio atestado de óbito”, como denominou Scheffer (1993), só

o faz porque todos os membros da família haviam falecido ao longo dos anos ou deixado a cidade. Ele próprio, já residia em Porto Alegre há anos, em função de seus mandatos na Assembleia Legislativa. A venda representou uma perda enorme para o jornal, em termos de jornalismo, pois a Gazeta foi adquirida para fazer a propaganda partidária do Partido Libertador, comandado na cidade por Heitor Galant.

Por limitação de espaço, em um próximo artigo, será possível detalhar a atuação política dos proprietários da Gazeta de Alegrete e o apoio da comunidade alegretense a esse periódico.

Referências

- A FEDERAÇÃO. Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/memoria/federacao-um-jornal-que-fez-historia>. Acesso em: 15 jul. 2016.
- ALCAR. Revista Brasileira de História da Mídia. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/issue/archive>. Acesso em: 8 maio 2016.
- INTERCOM. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/>. Acesso em: 13 maio 2016.
- ANTONIALLI, Luiz Marcelo. **Problemas de sucessão e a sobrevivência das empresas familiares**. III SEMEAD, s/d.
- ARAÚJO FILHO, Luiz. **O município de Alegrete**. Alegrete: O Coqueiro, edição original, 1908.
- BERNHOFER, Renato. **A Empresa Familiar: Sucessão Profissionalizada ou Sobrevivência Comprometida**. São Paulo: Nobel, 1989.
- COLBARI, Antônia de Lourdes. Imagens familiares na cultura das organizações. In: DAVEL, Eduardo; VASCONCELOS, João. **Recursos Humanos e subjetividade**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CORRÊA, Anderson Romário Pereira. José Fredolino Prunes (1873-1957): a incorporação do proletariado na sociedade. In: BAKOS, Margaret M. (org.). **Escritas Íntimas, tempo e lugares de memória: a documentação pessoal como fonte para a história**. Porto Alegre: Palier, 1. ed., p. 135-144, 2008.
- FLORES DA CUNHA, José Antonio. **Biografias**. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JosAFCun.html>. Acesso em: 15 jul. 2016.
- FREDOLINO PRUNES, José. **Notas para história da imprensa na fronteira do Rio Grande do Sul**. Texto original, ainda inédito, de propriedade do historiador João Batista Marçal. 65 p., 1956.
- GALVANI, Walter. **Um século de poder**. Os bastidores da Caldas Júnior. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.
- GAJ, L. **Tornando a administração estratégica possível**. São Paulo: McGraw-Hill, 1990.
- GAZETA DE ALEGRETE. Arquivo Histórico da Gazeta de Alegrete. Alegrete, 2/02/1960, p. 6.
- GOLDEMBERG, Maurício. Entrevistas realizadas pela autora na casa do jornalista, em Alegrete. Fevereiro, 2016.
- _____. **Edição comemorativa da Gazeta de Alegrete**, 2. ed., Alegrete: Gazeta de Alegrete, 72 p., [1973] 1993.
- GONÇALVES, J. Sérgio R. C. As empresas familiares no Brasil. **RAE Light- Revista de Administração de Empresas**, v. 7, n. 1, p. 7-12, jan./mar., 2000.
- JOÃO DE BARROS CASSAL. Disponível em: <http://arquivblogrs-ahrs.blogspot.com.br/2011/04/arquivo-particular-barros-cassal.html>. Acesso em: 15 jul. 2016.
- LODI, J. B. **A empresa familiar**. São Paulo: Pioneira, 1986.
- MARÇAL, João Batista. Entrevistas realizadas pela autora na casa do historiador, em Viamão, e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, 2016.
- _____. **Quaraí. Um século de imprensa**. Porto Alegre: Tarca, 2014.

- _____. **A imprensa operária do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, s/ed., 2004.
- _____. **Memória da imprensa na fronteira oeste do Rio Grande do Sul**. A "Gazeta de Alegrete", os Prunes. (Texto em produção), 36 p., 2014.
- _____. **"Gazeta de Alegrete". Os Prunes e seus jornais**. Contribuição para história da imprensa no RGS. (Texto a ser publicado em data indefinida), 65 p., 2001.
- PRUNES, Lourenço Mário. In: MARÇAL, João Batista. **"Gazeta de Alegrete". Os Prunes e seus jornais**. Contribuição para história da imprensa no RGS. (Texto a ser publicado em data indefinida), 65 p., 2001.
- _____. NOTA. In: FREDOLINO PRUNES, José. **Notas para história da imprensa na fronteira do Rio Grande do Sul**. Texto original, ainda inédito, de propriedade do historiador João Batista Marçal. 65 p., 1956.
- RICCA, Domingos. **Sucessão na empresa familiar**. São Paulo: Editora CLA, 2007.
- ROCHA, Paula Melani; ZAUITH, Gabriela. A história da consolidação da imprensa do interior no contexto da *Belle Époque* Paulista. **Revista Interin**, v. 11, n. 1, jan.-jun., 2011.
- SCHEFFER, A. B. B. **Sucessão em empresas familiares: dificuldades e ações preventivas**. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993, 141p. (Dissertação de Mestrado).
- SBPJOR. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/issue/archive>. Acesso em: 8 maio 2016.
- VILLEROY, Frederico Ernesto Estrella de. Projeto Passo Fundo. Disponível em: http://www.projetopassofundo.com.br/principal.php?modulo=texto&tipo=texto&con_codigo=44284. Acesso em: 15 jul. 2016.